

A ESPADA DE HUSSEIN: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A IDEOLOGIA POLÍTICA DE KHOMEINI E A ATUAÇÃO DO HEZBOLLAH NO LÍBANO.

Adonay Goes Tinoco¹
Andrew Patrick Traumann²

Resumo: O presente artigo procura demonstrar as origens históricas que levaram ao surgimento da milícia e partido político libanês Hezbollah. Ao mesmo tempo, a obra também tem o propósito de dissertar sobre os princípios políticos do Hezbollah e de Ruhollah Khomeini, e assim demonstrar como a visão ideológica de Khomeini influenciou a visão política do Hezbollah e sua atuação política e social dentro do Líbano. Assim, fatores como o Paradigma de Karbala, e a visão do Ayatollah Khomeini sobre os eventos de Karbala serão apresentados, a fim de demonstrar como sua visão foi fundamental para a formação do Paradigma da Resistência, criado pelo Hezollah, que utiliza muito do paradigma em seus discursos para unir a população xiita e cristão do Líbano em prol de sua causa política.

Palavras-chave: Líbano, Hezbollah, Karbala, Khomeini, Paradigma da Resistência

Abstract: This article seeks to demonstrate the historical origins that led to the emergence of the Hezbollah party and militia. In the meantime, the article also aims to discuss about the political principles of Hezbollah and Ruhollah Khomeini, and thus demonstrate how Khomeini's ideological vision influenced Hezbollah's political views and its political and social action within Lebanon. Thus, factors like the Karbala Paradigm and Ayatollah Khomeini's views about the Karbala events will be presented in other to demonstrate how his vision was instrumental to the formation of the Resistance Paradigm, created by Hezbollah, which uses much of the paradigm in its speeches to unite the Shiite and Christian population of Lebanon in favor of their political cause.

Key-Words: Lebanon, Hezbollah, Karbala, Khomeini, Resistance Paradigm

Recebido em: 26/12/2017

Aprovado em: 22/01/2018

¹ Graduado em Relações internacional no Centro Universitário Unicuritiba, em Curitiba, Paraná. adonaygtinoc@gmail.com

² Orientador professor doutor do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA) Curitiba - PR, Brasil - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6477397342345389>. Email: andrewtraumann@hotmail.com

Introdução

No dia 22 de outubro de 1983, um caminhão carregado de explosivos invade e explode a base militar dos Estados Unidos da América e da França no Líbano na cidade de Beirute. O resultado dessa ação deixou mais de 200 soldados americanos mortos e chocou a comunidade internacional, fazendo com que a mídia de vários países noticiasse sobre a situação do conflito civil no Líbano e a realidade que envolvia o país na época. (MEIHY, 2016, p.96). Tal evento trouxe para as manchetes a aparição de um grupo xiita que passaria a influenciar a vida política e civil do Líbano nas próximas décadas. Assim o Hezbollah se tornou uma figura fundamental no país árabe, e com isso passou a se envolver com diversas camadas sectárias e sociais da população do Líbano, ganhando seguidores e opositores. (NORTON, 2007, p.477)

Este artigo apresentará sobre o contexto histórico da formação do Estado Libanês, levando em conta sua formação política e a questão de formação demográfica entre os diversos grupos sectários que habitam a região, assim, obras como o livro *Os libaneses* de Murilo Meihy e *Oriente Médio: Uma Análise Reveladora sobre Dois Povos Condenados a Conviver*, de Marcio Scalercio, essas obras serão utilizadas para contextualizar tal assunto, além de abordar sobre a eclosão da guerra civil que envolveu o país no decorrer da década de 1970.

Em segundo momento, o artigo apresentará a formação do Hezbollah dentro da guerra civil, e paralelamente terá o objetivo de demonstrar as raízes ideológicas desse mesmo grupo, traçando um paralelo com as ideologias do Ayatollah Khomeini e o grupo. Assim obras como *o Hezbollah*, de Augustus Norton, e artigos como *o Hezbollah e o Eixo da Recusa: Hamas, Irã e Síria*, de El Husseini, terão o propósito de demonstrar as origens históricas do Hezbollah, e obras como a de Ervand Abrahamian, intitulada *Khomeinismo: Ensaio sobre a República Islâmica e Hezbollah: Políticas e Religião*, de Amal Saad-Ghorayeb, serão utilizadas para demonstrar as bases da ideologia de Khomeini no Irã e do grupo Hezbollah no Líbano.

Por fim, o artigo irá resgatar o contexto histórico do Hezbollah, demonstrando como o grupo atuou na vida política do Líbano após sua guerra civil, buscando assim destacar o

eventos de maior destaque que envolveram o grupo Xiita Hezbollah e o Líbano após sua guerra civil, com isso artigos de Augustus Norton, *O Papel do Hezbollah na Política Doméstica Libanesa*, e de Natacha Yazbeck, *A Kabalização do Líbano*, serão utilizados no resgate desse contexto. Ao mesmo tempo, o artigo também terá o propósito de demonstrar como a matriz ideológica de Khomeini influenciou o discurso e atuação do Hezbollah no Líbano após sua guerra civil até o ano de 2009.

1. O Líbano e a sua Guerra Civil

Primeiramente é necessário destacar sobre os bastidores e principais eventos que levaram a eclosão do conflito civil no Líbano, com isso, é válido pontuar que um dos principais fatores que originou uma série de entraves políticos e sociais no país árabes estão relacionais a questão demográfica (SOFFER, 1986, p.197-198)

Quando o Líbano fora declarado como um Estado Independente em 1943, a questão de demografia populacional teve significativo peso na formação da estrutura política do país. A formação de tal estrutura política contou com a criação de um “Pacto Nacional”, tal pacto que foi baseado no fato de que os grupos cristãos maronitas, segundo um dado formulado pelo governo da França, compunham pouco mais da metade da população do país na época, e os muçulmanos sunitas vinham em segundo lugar. (MEIHY, 2016, p 78- 79) Assim, levando em conta a maioria cristão, os maronitas teriam direito a trinta cadeiras no parlamento, e o direito de indicar o Presidente da República; já os muçulmanos sunitas teriam direito à vinte assentos no parlamento além do direito de indicar o Primeiro-Ministro do país, e o terceiro grupo, os muçulmanos xiitas, eles ficariam com vinte assentos; grupos menores, como os grupos grego-Ortodoxos passariam a ter o direito à onze cadeiras no parlamento; já os drusos teriam direito a seis assentos, os armênios à cinco, e os cristãos protestantes a dois assentos (SCALERCIO, 2003, p.221-222). Também vale destacar que, alguns anos após a formação do novo governo, os xiitas também passaram a ganhar o direito de eleger um Presidente do Parlamento (MEIHY, 2016, p.82).

Com a implementação de tal sistema político, o Líbano vivenciou um considerável período de estabilidade política perante os demais países árabes do Oriente Médio, fator que pode ser destacado com a administração do Presidente Faud Shehab. Em sua administração, o Líbano vivenciou um período de significativa melhoras na área de saneamento básico, eletricidade, educação de base, e também contou com a criação de instituições que favoreceram ainda mais em seu desenvolvimento, como por exemplo um Banco Central. (MEIHY, 2016, p.83)

Porém, como já foi pontuado anteriormente, o fator demográfico foi uma questão chave na eclosão do conflito civil libanês, e nem mesmo a administração de Faud Shehab foi capaz de resolver as tensões demográficas que começavam a borbulhar ao longo da década de 1960 (MEIHY, 2016, p.83). Tal tensão começou a gerar seus frutos em decorrência da presença de palestinos no Líbano, presença que teve sua origem desde 1948, com a guerra de independência de Israel e a grande massa de refugiados palestinos que foram para diversos países árabes vizinho, sendo um deles o Líbano. Ao mesmo tempo, essa mesma questão Palestina voltou a aparecer no decorrer da década de 1970, particularmente no evento denominado de “Setembro Negro”, quando tropas da organização palestina FPLP, a Frente Popular pela Libertação da Palestina, entraram em conflito contra as tropas do Rei jordaniano Hussein, uma vez que o rei Hashimita descobrira o plano da organização de derrubar seu governo. Com o fim de tal conflito, e o resultado de mais e três mil guerrilheiros palestinos mortos, diversos palestinos que habitavam os campos de refugiado na Jordânia se viram forçados a deixar o país e assim acabaram indo para o Líbano. (SCALERCIO, 2003, p.177-178)

A chegada de diversos palestinos no país acabou deixando diversos cristãos maronita irritados, uma vez que os palestinos já no ano de 1975, compunham meio milhão de habitantes no país, e por sua vez os cristãos apresentavam um total de 700 mil habitantes, já os muçulmanos sunitas apresentavam por volta da mesma quantidade populacional que os cristãos maronitas, e os muçulmanos xiitas compunham por volta de um milhão de habitantes no Líbano. Ou seja, com a chegada dos palestinos, a taxa demográfica no Líbano, que já se apresentava desproporcional à que fora levada em conta para a formação do consenso

nacional libanês, agora se apresentava ainda mais desequilibrada, uma vez que a chegada dos palestinos passou a ser vista por muitos Maronitas como uma ameaça a estrutura política do país, principalmente após a chegada de Yatzer Araft, líder da Organização para a Libertação da Palestina, a OLP, que veio ao Líbano após os eventos do chamado “Setembro Negro”. (SCALERCIO, 2003, p.221-223)

Ao mesmo tempo, vale pontuar também que as camadas cristãs maronitas defendiam uma política de Estado mais voltada a manter relações de proximidade com os países ocidentais, já as camadas muçulmanas, em destaque os xiitas, defendiam uma visão política mais voltada aos palestinos, buscando manter maiores relações com suas organizações políticas e garantir a defesa parcial dos refugiados no país. (MEIHY, 2016, p 88-89)

Porém, é necessário destacar que ao ser mencionado o termo “cristão maronita” é importante levar em conta que esse mesmo grupo demográfico não apresentava interesses em comum em sua totalidade, uma vez que haviam quatro famílias que influenciavam a comunidade Maronita, sendo a primeira a família Eddé, já a segunda era a Chamoun que controlava a milícia “Os tigres”, a terceira família sendo O Frangieh, que controlava a milícia “O Exército de Libertação de Zghorta, e por fim, a maior família, a família Gemayel, tal família controlava a maior e mais bem armada milícia cristã, a “Falange”. (SCALERCIO, 2003, p.221)

A derrocada do conflito veio em abril de 1975, quando um grupo de maronitas atacou um ônibus que levava um grupo de palestinos. O ataque resultou em um total de 27 mortos palestinos, e serviu como o marco zero da guerra civil libanesa. Logo após o ataque, remanescentes da milícia FPLP no Líbano entram em confronto contra as milícias maronitas, logo após a eclosão dos conflitos armados milícias sunitas também passaram a atuar no conflito. (SCALERCIO, 2003, p.223)

2. Origens do Hezbollah no meio do conflito

Com a evolução do conflito civil no país árabe, dois eventos chave ocorreram ao longo dos primeiros 7 anos na guerra. O primeiro foi o envolvimento e intervenção militar do Estado Sírio no conflito. Com tal intervenção, a Síria buscou promover seus interesses estatais de garantir uma influência do regime de Hafez al-Assad no governo libanês. (PIPES, 1992, p 119) O objetivo de tal intervenção estava atrelado a questão da chamada “Grande Síria” ou seja, a síria via em tal ação miliar um objetivo de promover a formação de um grande Estado sírio, um que unisse o Líbano e a Síria, uma vez que tais Estados chegaram a pertencer à um grande território antes de suas respectivas independências. Tal ideal, que era atrelado a visão nacionalista do partido sírio o Partido Social Nacionalista Sírio, ou PSNS, essa visão buscava restaurar e expandir o território sírio no Oriente Médio, o que incluía a anexação do Líbano. (PIPES, 1992, p 104)

Com tal desejo e influência política e uma possível expansão territorial, o cenário de guerra civil no Líbano trouxe certa oportunidade para o regime do presidente Sírio na época, Hafez al-Assad, que com a ajuda da aprovação da Liga árabe, lançou uma intervenção militar no Líbano, aclamando que tal intervenção promoveria uma estabilidade no cenário doméstico libanês. (ERLICH, 2014, p 39). Além disso, a presença da Síria no Líbano também se expandia dentro de outras facções e milícias libanesas, sendo uma delas a guerrilha “Amal”. Amal, que quer dizer “esperança” em árabe libanês, era uma guerrilha xiita que se encontrava predominantemente no sul do Líbano, e tal grupo foi formado com o intuito de ser a frente armada do grupo político “O Movimento dos Desfavorecidos” em 1974, grupo político que foi criado pelo clérigo Musa al-Sadr. (EL HUSSEINI, 2010, p.806)

A guerrilha xiita era caracterizada por ter significativa relações e visões políticas favoráveis a Síria, principalmente em relação a sua influência no cenário político do pequeno país árabe multisectário. Ao mesmo tempo, o Amal também apresentava uma visão política secular, fator que lhe diferenciava de muitos dos grupos atuantes na guerra. (NORTON, 2007, p.447)

Porém, ao mesmo tempo que em a Síria contava com sua ocupação e influência em grupos como o Amal no Líbano, um novo evento veio a ocorre, evento esse que marcaria não

só uma nova fase na guerra civil, como também seria o fator chave para o surgimento da nova guerrilha xiita libanesa, o Hezbollah.

Em 1982, tanques e soldados Israelenses cruzam a fronteira sul do Líbano. Seu objetivo era claro, acabar com a presença da OLP no país. Tal invasão, também conhecida como “Operação Paz na Galiléia” teve formação a partir da mirabolante ideia de Ariel Sharon, Ministro da Defesa de Israel na época. (SCALERCIO, 2003, p.230) Em seu plano, Sharon, sob o aval da administração do Primeiro Ministro israelense, Menachem Begin, visou destruir as bases institucionais da OLP no Líbano, e em seguida, o Ministro visava convencer os palestinos no Líbano a migrar para a Jordânia, para que assim o governo israelense e a população palestina derrubassem o governo do rei Hussein, para que assim os palestinos assumissem o controle do país, e assim transformassem a Jordânia em uma Estado palestino (SCALERCIO, 2003, p.226-228)

Com a invasão do sul do Líbano, e a marcha das tropas israelenses até a capital Beirute, confrontos entre guerrilhas palestinas e o exército israelense tomaram as ruas do Líbano. Além disso, choques entre o exército de Israel e o exército de Hafez al- Assad também acompanharam o conflito civil, uma vez que Israel via a presença Síria no sul do Líbano como uma ameaça a sua operação militar de remoção das bases da OLP no país. (SCALERCIO, 2003, p.231)

Junto a sucessão de ações militares israelenses e a conseqüente retirada da OLP do Líbano, vale destacar que Israel também buscou tomar uma série de ações políticas e militares para garantir sua contínua presença no país árabe, principalmente na região sul, região de maioria xiita. Assim, com a presença da tropas do Estado judeu no Líbano, movimentos populares começaram a tomar forma no país, e não demorou muito para que milícias xiitas comesçassem a surgir em resposta presença israelense, sendo uma dessas milícias o grupo conhecido como Hezbollah. (El HUSSEINI, 2010, p.806)

O surgimento do Hezbollah no meio do contexto da invasão de 1982 não só está relacionado ao surgimento do sentimento xiita libanês de lutar contra a invasão israelense, como também veio do fato de que muitos xiitas acabaram ficando desapontados com a visão pró-síria e secular do Amal, fator que elevou muitos integrantes do Amal a migrarem para o

Hezbollah. Ao mesmo tempo, o fato de que o Hezbollah era a única guerrilha significativa no sul do Líbano que buscava lutar contra a ocupação israelense fez com que o grupo acolhesse muitos seguidores jovens a causa. (NORTON, 2007, p.477)

Assim, o Hezbollah passou a tomar espaço na vida cotidiana dos cidadãos xiitas do sul do Líbano, e não demorou muito para que entraves e conflitos entre o Hezbollah e o Amal começassem a eclodir, uma vez que o Amal apresentava uma visão política e ideológica de matriz secular, além de conter relações positivas com o governo Sírio, que visava usar do grupo para expandir sua influência no Líbano. (NORTON, 2007, p.481-482) Já o Hezbollah carregava uma visão política e ideológica voltada aos ideais do Ayatollah Khomeini, no Irã, principalmente aos ideais formulados em sua obra “*velāyat-e faqīh*”, ou governo dos Juristas, em Farsi. (EL HUSSEINI, 2010, p.809) Assim, não demorou muito para que um conflito armado estourasse entre os dois grupos, e o evento conhecido como “A guerra dos campos” tomou forma dentro da guerra civil libanesa em 1985, fator que eclodiu quando o Hezbollah declarou sua posição favorável a presença Palestina no Líbano, algo que o governo Sírio discordava e visou utilizar do Amal para remover a presença de tal grupo sectário no país. (NORTON, 2007, p.477)

3. Ideologia política do Hezbollah e sua ligação com Irã e Khomeini.

Ao abordarmos a questão ideológica do Hezbollah e sua formação como grupo político no Líbano, é necessário entender sobre as ligações do grupo com os ideais de Ruhollah Musavi Khomeini, clérigo e Ayatollah xiita, nascido na cidade de Jomeini no Irã, uma vez que o Aytollah teve forte papel na formação do Estado iraniano durante a após a Revolução Iraniana de 1979. (GOMES, 2007, p.74-75)

Khomeini estabeleceu uma série de critérios de como uma sociedade islâmica deveria ser moldada e estabelecida, levando em conta um corpo de leis, a Sharia, e um modelo de governança em que a figura divina de deus estivesse presente no poder executivo e nas instituições administrativas do Estado. (KHOMEINI, 2004, p.18). Além de contar com um modelo de governo em que o Estado islâmico deveria ser governado por um líder supremo, o

Wali ou o *Faqih*, sendo que tal líder estaria em uma posição hierárquica acima do voto popular republicano. Além disso, vale destacar que a função deste líder seria de jurista e representante de deus na terra, até o dia em que o décimo segundo Imã xiita retornasse (ADGHIRNI, 2014, p.147)

Paralelamente, vale pontuar sobre a importância da figura do décimo segundo imã, ou também conhecido como Imã oculto no xiismo. Tal imã é uma fundamental figura na crença xiita, uma vez que a linhagem dos profetas no Islã xiita estabelecem que além do profeta Muhammad, seu genro e primo Ali, também é o profeta verdadeiro na linhagem sanguínea dos profetas que se originou com Muhammad. Tal linhagem inicia-se com Ali no ano de 656 a.d. e termina com o profeta Muhammad Al-Muntazar, também conhecido como Muhammad al-Mahdi, em 873 a.d, o décimo segundo imã que desapareceu naquele ano e cujo retorno é aguardado pelos xiitas. (TRAUMANN, 2012, p.34)

Para o Hezbollah, a figura do imã oculto não teve muita presença na formação ideológica do grupo, ao menos durante seus primeiros anos atuando como uma milícia armada. Porém, anos após adentrar na vida política do Líbano, em 1992, quando o Hezbollah se tornou um partido político, tal Imã passou a ser utilizado em várias declarações feitas pelo grupo, chegando até mesmo a declarar que o Imã oculto atuou junto com o grupo em campo de batalha durante suas operações militares contra Israel. (COOK, 2011, p.6-7)

Junto a questão do Imã oculto, também é necessário destacar a forte presença do chamado “Paradigma de Karbala” no discurso e ideologia do Hezbollah e do Ayatollah Khomeini. Tal paradigma está entrelaçado com as origens do Islã xiita, no qual o profeta Hussein, filho de Ali, foi morto em uma batalha em Karbala contra as tropas do sunita Yazid em 680 a.c. Nessa batalha ocorrida 48 anos após a morte do profeta Muhammad, Hussein, que pertencia a linhagem de descendentes do profeta, liderou suas tropas em revolta as ações do Califado Umíada de Yazid, e com o ocorrer da batalha, Hussein e seus familiares foram mortos de forma brutal, marcando assim o dia de *‘ashura* para os muçulmanos xiitas (SAAD-GHORAYEB, 2002, p.11-12)

A *‘Ashura* e a morte de Hussein em Karbala passou a ser vista entre os xiitas não só como uma data religiosa para se lembrar do passado, mas também passou a ter o intuito de

lembra-los da necessidade de sacrifício e luta perante uma entidade opressora. (NASR, 2006, p.26) Além disso, diversos pensadores e clérigos xiitas passaram a reinterpretar a morte de Hussein como uma forma de exemplo de heroísmo, trazendo assim a necessidade dos xiitas de se inspirarem em Karbala para enfrentar os entes opressores contemporâneos (SAAD-GHORAYEB, 2002, p.12). Assim vale também pontuar sobre a importância do discurso feito por Khomeini perante esses eventos, e como seus discursos serviram não somente de inspiração em seu país com a revolução Iraniana, como também serviu para moldar a ideologia e discurso político do Hezbollah no Líbano. Por tanto, primeiramente é válido pontuar a vasta importância que Khomeini dava para tal evento, fator que fica evidente no seu discurso formulado em 1979, no qual Khomeini declarou que:

Este ano, a comemoração do quadragésimo dia após o aniversário do martírio do Imam veio no meio de toda uma série de comemorações do quadragésimo dia do martírio dos seguidores dessa grande figura islâmica. É como se o sangue de nossos mártires, onde a continuação do sangue dos mártires de Karbala...Assim como o sangue puro acabou trazendo o fim do governo tirânico de Yazid, o sangue de nosso mártires quebrou a monarquia tirânica de Pahlavi...Com marchas e demonstrações por todo o país, nossas grandes pessoas devem enterrar de uma vez por todas essa carniça e fedida monarquia. (Khomeini, 1979, 2015, p.249, tradução nossa)³

Tal comparação ao eventos que tomavam o Irã na década de 1970, e a importância que Khomeini dava as mortes de Karbala deixava bem claro o fato de que o Ayatollah buscava utilizar tais mortes como um exemplo a população local para enfrentar o regime do Xá Reza Pahlavi no Irã. Fator que levou o Ayatollah declarar que a revolução Iraniana que vigorava

³ This year, the commemoration of the fortieth day after the anniversary of the Imam's martyrdom has come in the midst of a whole series of fortieth day commemorations of the martyrdom of the followers of that great Islamic figure. It is as if the blood of our martyrs were the continuation of the blood of the martyrs of Karbala...Just as the pure blood brought to an end the tyrannical rule of Yazid, the blood of our martyrs has shattered the tyrannical monarchy of the Pahlavi's...With marches and demonstrations all across the country, our great people must bury once and for all this stinking carrion of monarchy. (Khomeini, 2015, p.249)

em seu país era tão importante para o islã xiita quanto a batalha de Karbala (NASR, 2006, p.88)

Em sua visão, Khomeini e o clero xiita, resgatava o paradigma trazido com a Batalha de Karbala, tornando-a uma questão de extrema importância para a cultura xiita, destacando a necessidade de uma luta contra um ente opressor e injusto, para assim criar uma sociedade mais pura e justa (BOURDIEU, 1996, apud, GOMES, 2007, p.78)

Além disso, Khomeini também buscou se inspirar no discursos de alguns marxistas no Irã, como Ali Shariati que proclamou em um de seus discursos que “Todo lugar deveria ser transformando em uma Karbala, todo o mês em um Moharram, e todo o dia em uma Ashura” (ABRAHAMIAN, p.29, 1993, tradução nossa)⁴ Fazendo com que o próprio Khomeini adotasse a logo de Shariati em seus discursos. Ao mesmo tempo, vale pontuar que o próprio Khomeini acabou se inspirando em várias figuras e organizações marxistas iranianas, já que durante a década de 1960 grupos estudantis xiitas marxistas acabaram vendo em Khomeini uma figura inspiradora para puxar suas causas políticas no país, o que assim fez com que ambos acabassem se atraindo ideologicamente. Assim o escritor membro do partido marxista iraniano, Tudeh, Jalal al-Ahmad, e o grupo de inspiração marxista maoísta e Castroísta chamado “Confederação dos estudantes Iranianos exilados”, e seguidores de Ali Shariati, acabaram se associando a Khomeini uma vez que viram em seus discursos similaridades ideológicas para atingir seus objetivos, fator que acabou influenciando o Ayatollah em sua entrada na vida política durante a década de 1960 e 1970 (ABRAHAMIAN, p.23, 1993)

Com o decorrer dos eventos que eclodiriam na Revolução Iraniana, no qual o Xá persa, Reza Pahlavi se encontrava em uma situação de duras críticas ao seu governo, uma vez que o país se encontrava em um estado de precariedade social e econômica, e o xá passava a reprimir as revoltas populares no decorrer da década de 1970, Khomeini passou a mudar sua

⁴ “Every place should be turned into Karbala, every month into Moharram, and every day into Ashura.” (ABRAHAMIAN, p.29, 1993)

visão sobre a sociedade Islâmica, no qual antes o Ayatollah pontuava a importância de uma ordem natural e uma hierarquia no qual tanto a propriedade quanto a sociedade eram importantes, sendo que a sociedade deveria ser dividida em diversas classes sociais com diferentes funções. (ABRAHAMIAN, p.26, 1993) Porém, após presenciar a dura repressão do Xá, Rouhula Khomeini mudou seus discursos e escritas sobre o assunto, declarando sobre a importância da divisão social presente no Irã e no mundo Islâmico, destacando que a sociedade era composta de “*Mostazafin*” os oprimidos, e os “*mostakberin*” os opressores, os “*foqara*” os pobres, versus os “*sarvatmandan*” os ricos, as “*mellat-e Mostazaf*” Nações oprimidas, versus as “*hokumat-e Shaytan*” os governos do satã. A mudança para tal discurso de cunho secular de esquerda, representa uma clara demonstração das influências mais marxistas na visão de Khomeini, fator que levou diversos analistas ocidentais a olhar o líder político e religioso com certo espanto. (ABRAHAMIAN, p.26-27,1993). Entretanto, vale pontuar que o Ayatollah buscou implementar a classe média iraniana no discurso, uma vez que ele buscava unir diversas camadas populares contra o Xá e seu governo. (ABRAHAMIAN, p.27, 1993)

Por fim, Khomeini também passou a instaurar uma série de lemas e slogans de cunho de esquerda em seu discurso, uma vez que apresentava mensagens embasadas em questões de justiça social, igualdade, eliminação das diferenças de classes por meio do Islã, declarando que o islã pertence aos oprimidos e os moradores das regiões mais pobres, e não aos ricos e opressores. (ABRAHAMIAN, p.31, 1993)

Agora, ao pontuar a visão política de Khomeini, destacando o certo viés de esquerda que sua visão revolucionária apresentava, é necessário destacar a presença de visões similares no discurso e ideologia do Hezbollah, e assim, demonstrar as ligações ideológicas e políticas que o grupo xiita apresenta ter em relação a figura de Khomeini e o governo iraniano pós-revolução de 1979. Assim, em primeiro momento é necessário destacar a importância da Carta do Hezbollah de 1985, ou também conhecido como “Programa do Hezbollah, uma carta aberta a todos os oprimidos no Líbano e no Mundo”. Em tal carta, o grupo xiita estabelece sua total devoção a Khomeini (VISENTINI, ROBERTO, 2015, p.77) Segundo a declaração da carta o Hezbollah, declara que “Nós obedecemos as ordens de um líder, sábio e justo, que é

nosso tutor e Faqih (jurista) que preenche todas as condições necessárias: Ruhollah Musawi Khomeini. Deus lhe salve!⁵ “(1988, p.1, tradução nossa). Assim, notasse uma clara ligação do grupo com a imagem de Khomeini como seu líder imaginário e de inspiração ideológica, uma vez que sua figura é vista como de um líder exemplar para tal grupo. (EL-HUSSEINI, 2010, p.805). Além disso, vale destacar que na visão ideológica do Hezbollah, o grupo xiita também contém um discurso voltado as causas dos oprimidos e mais pobres, chegando a indagar em um discurso no meio político Libanês voltado as comunidades mais pobres e desprivilegiadas do país. Entretanto, vale destacar que no contexto libanês quando o Hezbollah se refere aos pobres e desprivilegiados ele está se referindo predominantemente aos xiitas no sul do Líbano que acabaram sendo atingidos pelos ataques israelenses no sul do país em decorrência da incursão de 1982 e outras operações militares de Israel. (SAAD-GHORAYEB, 2002, p.18)

Junto a questão voltada as camadas mais pobres, o Hezbollah também apresenta conter uma fusão de duas visões ideológicas em suas políticas como partido, sendo a primeira visão inspirada nos ideais islâmicos xiitas, e a segunda embasada nos ideais de cunho Marxista. Tais ideais acabam manifestando uma visão similar à de Khomeini, no qual o grupo assim como o Ayatollah, declara uma visão de mundo dualista, em que a humanidade estaria dividida entre os oprimidos e os opressores, ou o bem e o mal. Ao mesmo tempo, vale pontuar que na visão de ambos a questão do oprimido e opressor, ou pobre e rico, não significa que o oprimido ou pobre seja um muçulmano, já que em sua visão a religião não tem qualquer peso para essas figuras que representam a humanidade, ou seja, tanto um xiita quanto um cristão podem ser considerados oprimidos ou opressores. (SAAD-GHORAYEB, 2002, p.16-17)

Além disso, vale lembrar que Khomeini buscou muitas vezes envolver outras camadas sociais em seus discursos, pontuando a importância da classe média iraniana, e a necessidade de tal classe se unir as demais classes mais pobres para pôr um fim ao regime do Xá. Tal movimento e discurso também pode ser notado dentro do Hezbollah, que ao final da guerra civil libanesa, buscou indagar em um discurso voltado a classe média Libanesa, que envolvia predominantemente os cristãos do Líbano (SAAD-GHORAYEB, 2002, p.19). Esse discurso

⁵ We obey the orders of one leader, wise and just, that of our tutor and *faqih* (jurist) who fulfills all the necessary conditions: Ruhollah Musawi Khomeini. God save him! (Hizbollah Program, 1988, p.1)

em meio guerra civil visava unir os cristãos à causa xiita de expulsar os israelenses que ocupavam o sul do Líbano. Além disso, já em 1992, quando o Hezbollah se oficializou como um partido Libanês, o grupo passou por um processo de “libanização” no qual buscou moderar seu discurso de luta, e ao mesmo tempo atrair as camadas cristãs a causa do seu partido. (EL HUSSEINI, 2010, p.807). Assim, não demorou muito para que uma significativa parte da população xiita e cristã lhe apoiasse, fazendo com que o Hezbollah conquistasse 8 cadeiras no Parlamento Libanês nas eleições de 1992. (NORTON, 2007, p.481).

Além disso, é necessário destacar que o Hezbollah, além de apresentar um viés favorável a questão dos oprimidos e mais pobres, a milícia também contém uma influência de grupos de esquerda mais seculares em sua estrutura, uma vez que ele se relacionou com grupos de esquerda em escala internacional, e também contém um forte apoio declarado da elite intelectual de esquerda do Líbano, como no caso do historiador Fawwaz Traboulsi que declarou que o Hezbollah é “Uma força lutando contra o Imperialismo Americano e o Colonialismo Israelense.”⁶ (TRABOULSI, 2008, apud, KARAGIANNIS, 2009, p.379, tradução nossa) Além disso, vale pontuar que no decorrer do conflito no Líbano, e as incursões do Hezbollah contra tropas israelenses no país, o grupo xiita foi lentamente adotando uma série de políticas sociais com um viés de esquerda, como no caso da criação de instituições que providenciaram serviços de saúde básico e de auxílio moradia às pessoas que perderam suas casas durante o conflito. (FLANIGAN, ABDEL-SAMAD, p.124, 2009) Além disso, muitas vezes em seu discurso, o partido falou sobre a importância dos direitos de grupos minoritários, como os palestinos em Israel, e os xiitas no Líbano, o que mostra como o grupo passou por uma politização, deixando um pouco de lado a questão com Israel e indagando na política interna do Líbano (VAN ENGELAND, RUDOLPH, p.36, 2008) Tal relacionamento com os ideais e discursos de esquerda secular também podem ser observado em Khomeini, uma vez que o clérigo acabou se inspirando em Marxistas como Ali Shariati, ou grupos e de esquerda no Irã, como O partido Tudeh.

⁶“ a force fighting against American imperialism and Israeli colonialismo” (TRABOULSI, 2008, apud, KARAGIANNIS, p 379. 2009)

Porém, a questão de maior destaque entre as similaridades presentes entre a visão política de Khomeini e a do Hezbollah é encontrado no chamado “Paradigma de Karbala”. Como já havia sido mencionado anteriormente a batalha de Karbala e a derrota xiita que ocorrera em 680 A.D trouxe um marco histórico na formação do Xiismo como religião e séquito do Islam. (PINTO, p.76, 2010) Assim, o uso que Khomeini dá ao mencionar os eventos de Karbala demonstra como o Ayatollah trazia um discurso voltado a um ideal exemplar, no qual os xiitas tanto do Irã quanto fora, deveriam se inspirar na luta de Hussein contra as tropas de Yazid, e assim, deveriam lutar contra o que Khomeini via como a entidade opressora. O que demonstra uma certa visão presente na comunidade xiita voltada a desafiar a opressão vinda de outros grupos, visão que muitas vezes transcende o tempo e o espaço, uma vez que o eventos de Karbala fazem mais de mil anos (AJEMIAN, 2008, p.4)

Seguindo esse mesmo discurso, vemos certas similaridades ao analisarmos o discurso político do Hezbollah, e seu líder Nasrallah, principalmente no que fala sobre “O Paradigma da Resistência”. Tal paradigma segundo o Autor Pete Ajemian representa para o Hezbollah “um nacionalismo árabe e um protonacionalismo libanês” (2008, p.4) Além disso, o discurso de resistência promovido pelo Hezbollah apresenta uma forte inspiração aos eventos de Karbala, similar ao discurso de Khomeini. Tal fato pode ser notado com a declaração do secretário geral do partido Hezbollah em 1992, que aclamou que o assassinato do antigo líder do grupo, Abbas al-Mussawi, assassinato que foi orquestrado por Israel, foi um ato similar ao assassinato de Hussein e sua família em Karbala (AJEMIAN, 2008, p.5)

Além disso, há uma certa similaridade nos discursos do Hezbollah durante a ocupação israelense, com a questão do Paradigma de Karbala, uma vez que o Paradigma da Resistência visa indagar os xiitas e outros grupos sectários do Líbano a se unirem e lutarem contra a entidade opressora que é a ocupação israelense no sul do país.(AJEMIAN, 2008, p.4) Discurso que é similar ao de Khomeini e o paradigma de Karbala, no qual Khomeini falar sobre a necessidade dos iranianos se unirem e lutarem contra o regime opressor do Xá Reza Pahlavi.

4. O Hezbollah no pós guerra civil e a questão das fazendas Shebaa

Após o período de reforma política que o Hezbollah vivenciou com o fim da guerra civil no Líbano, é importante pontuar que o grupo manteve tanto seus discursos voltado a desocupação israelense quanto de união nacional para acabar com tal ocupação que assolava o país no decorrer da década de 1990. Assim, certos conflitos entre o grupo e o Estado israelense passaram a ocorrer entre os anos de 1992 até 2000 (EL HUSSEINI, 2010, p.807).

Assim, com o decorrer desses conflitos, muitos libaneses de diversos grupos sectários passaram a se unir em favor da causa do Hezbollah de remover a presença israelense no Líbano, fator que ficou evidente em 1998, quando o presidente Émile Lahoud, declarou forte apoio a causa de luta e união nacional promovida pelo grupo xiita (EL HUSSEINI, 2010, p.808). De tal forma, não demorou muito para que a ocupação do Estado Judeu ficasse desgastada, levando o Primeiro-Ministro israelense, Ehud Barak, a declarar em 1999 que tropas israelenses iriam desocupar o país em um período de 12 meses, evento que ocorreu em 24 de maio de 2000 (NORTON, 2007, p.478).

Porém, vale pontuar que após o período de desocupação o Hezbollah entrou em um impasse, afinal, com o fim da presença israelense no Líbano o discurso de união nacional e resistência perante a ocupação da força opressora passava a não ser mais necessário, uma vez que tal objetivo foi alcançado. Entretanto para o grupo, uma pequena região no Líbano ainda estava em disputa, a pequena região de 35 quilômetros quadrados na fronteira entre o Líbano e a região da Síria ocupado por Israel, as colinas de Golã, tal região era chamada de “Fazendas Shebaa”, e logo essa região passou a ser discursada pelo grupo xiita e tomou significativo espaço no discurso político do Hezbollah e seus objetivos no Líbano. (EL HUSSEINI, 2010, p.808).

A pequena região que é as Fazendas Shebaa e sua disputa entre o Hezbollah e Israel tem suas origens em relação a guerra dos seis dias de 1967. Quando Israel saiu vitorioso na guerra, ocupando a região do Sinai no Egito, e a região das colinas de Golã na Síria, tropas do Estado Judeu passaram a ocupar a região síria, fazendo com que o governo israelense eventualmente declarasse a anexação da área poucos anos depois. (SALEM, 2006, p.15).

Anos mais tarde, com o período de ocupação israelense no Líbano, o governo sírio e o governo libanês passaram a fazer uma série de negociações envolvendo a soberania da pequena região das Fazendas Sheeba. Com o fim do acordo ficou decidido que tal região pertenceria ao Líbano após a retirada das tropas sírias no país, porém um certo problema estava impedindo que tal decisão fosse realizada. As Fazendas Shebaa estavam localizadas nas colinas de Golã, e não demorou muito para que Israel declarasse tal região deveria continuar permanecendo sob a ocupação do Estado judeu. Assim, a ocupação israelense nas Fazendas Shebaa prevaleceu mesmo após a saída das tropas no do sul do Líbano em 2000 (EL HUSSEINI, 2010, p.808). E foi assim que o Hezbollah viu uma oportunidade em solucionar o tal impasse em que o grupo se encontrava, e não demorou muito para que o partido xiita passasse a engajar em um discurso voltado a questão das fazendas, muitas vezes reutilizando do mesmo discurso de união nacional e resistência. (NORTON, 2010, p.90-91)

Com isso, o período entre 2000 e 2006 marcou a história do Líbano e do Hezbollah, uma vez que durante esse período, além da desocupação israelense de 2000, a Síria também desocupou o país no ano de 2005, fator que foi fundamental na mudança política do país. Tal mudança veio a ocorrer em fevereiro de 2005, durante o período de desocupação das tropas sírias que ocupavam o norte do Líbano desde o início da guerra civil, nesse período o primeiro Ministro libanês Rafic Hariri foi assassinado, chocando não só os libaneses mas os países envolvidos no processo de pacificação do país árabe. (ERLICH, 2014, p.44) Com o decorrer da desocupação militar síria, e o consenso de que o governo sírio ainda mantinha interesses dentro do Líbano, não demorou muito para que o governo do país vizinho fosse acusado de orquestrar tal assassinato, questão que acabou não sendo provada pelos países que lhe acusaram, como os Estados Unidos da América e Reino Unido. (NORTON, 2007, p.485-486)

Com a morte de Hariri, demonstrações populares tomaram as ruas do Líbano exigindo a total retirada das tropas sírias no país. Logo um clima de tensão se formou, uma vez que muitos membros da sociedade libanesa viam a presença do país vizinho no Líbano com bons olhos, assim logo dois grupos sociais e políticos se formaram no Líbano. A aliança de 8 de Março, que protestou em tal data a favor da presença síria no país, tal grupo é composto majoritariamente por cristãos e xiitas, sendo que o Hezbollah é um de seus principais

membros e representantes no parlamento libanês. E por fim, a Aliança de 14 de Março, que é formada por sunitas, drusos e cristãos e contém uma visão contrária a influência Síria no Líbano, mesmo após a retirada das tropas em abril de 2005. (NORTON, 2007, p.485-486)

Assim, após a formação de tal grupo, o Hezbollah, junto com outros membros da aliança, como o Amal, passaram a atuar de forma conjunta no Líbano, muitas vezes buscando formar uma maioria no parlamento libanês e adquirir maior influência no governo e sociedade do país árabe, fator que logo veio a ocorrer após o Hezbollah entrar em conflito com o Estado israelense em 2006. (EL HUSSEINI, 2010, p.809-810)

Tal conflito de 2006 acabou se entrelaçando com a questão das fazendas Shebaa, uma vez que o partido xiita voltou a discursar sobre a necessidade de união e luta armada contra Israel, e assim, a questão do Paradigma da Resistência voltou a ocupar o cenário político libanês, fazendo com que assim o Hezbollah pudesse desfrutar de certa popularidade entre as camadas xiitas e cristãs do país ao mesmo tempo em que mantinha sua política de continua luta contra o Estado Judeu, e unia a população em prol de sua causa. (EL HUSSEINI, 2010, p.808). Além disso, o grupo passou gradativamente a aumentar suas relações com o Estado iraniano, contado até mesmo com o apoio do Líder supremo do Irã, Ali Khamenei, sucessor de Khomeini, em relação às políticas e discursos do grupo, o que também revela a forte ligação e influência que o Irã tem com relação ao grupo xiita. (NORTON, 2007, p.479).

Assim, pequenos conflitos entre o Hezbollah e Israel passaram a tomar espaço na região das fazendas entre os anos de 2000 à 2006. Porém, tal período, por mais que tivesse a presença de pequenos conflitos a na fronteira entre os dois Estados foi marcado por uma certa estabilidade no país árabe (NORTON, 2010, p.91)

Entretanto, tal período de paz mudou em Julho de 2006. Após uma breve operação militar do Hezbollah na fronteira entre Israel e Líbano. Tal operação resultou na captura de dois soldados israelenses pela milícia com o fim de serem usados em uma troca de prisioneiros com Israel (EL HUSSEINI, 2010, p.808). Em resposta a tal ação, o governo israelense do Primeiro-Ministro Ehud Olmet, ordena a invasão do sul do Líbano. Tal invasão tinha o propósito inicial de resgatar os dois soldados, porém logo ficou aparente com o motivo

de tal atuação militar por parte de Israel também visava acabar as bases do Hezbollah no Líbano. (NORTON, 2007, p.484).

Tal conflito, conhecido como “Guerra de 2006” marcou um período peculiar na história do Hezbollah, uma vez que o grupo xiita contou com o apoio de uma grande margem da população Libanesa, sendo em maioria cristãos e xiitas. Além disso, vale pontuar que tal apoio foi exacerbado não só pelas ações militares de êxito do Hezbollah contra Israel, mas também pelo fato de que muitos civil libaneses acabaram se tornando alvo dos ataques e bombardeios israelenses, fator que gerou um forte sentimento dentro da população, fazendo com que muitos lembrassem do período de ocupação do Estado Judeu durante a guerra civil no Líbano (EL HUSSEINI, 2010, p.808).

Além disso, vale pontuar que tal conflito criou o cenário perfeito para o Hezbollah para indagar em seu discurso de resistência e Karbala, discurso esse que pode ser utilizado mesmo após a guerra, um exemplo disso veio na declaração do líder do partido que disse em 2008 que “Eu digo para eles [Israel] novamente: Nós vamos lutar a batalha de Karbala, como as crianças de Hussein”⁷ (YAZBECK, 2017, p.8, tradução nossa). Ao mesmo tempo, o partido e grupo xiita também buscou indagar em um discurso de vínculo mais religioso, uma vez que líderes do grupo xiita chegaram a afirmar que os mortos da guerra de 2006 estariam juntos no céu com os mártires de Karbala e o profeta Hussein, fazendo assim uma espécie de promessa de “martirização” aos libaneses que ajudassem o Hezbollah no conflito (YAZBECK, 2017, p.8)

Além disso, para o prestígio do Hezbollah, tal conflito veio logo a acabar após a aprovação da resolução 1701 pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (NORTON, 2007, p.484). Sendo que o resultado final da guerra deixou um total de 1000 mortos, em sua maioria civis libaneses, e mais de um milhão de pessoas sem moradia dentro do Líbano. Todavia, o Hezbollah permaneceu com sua organização política intacta, trazendo um senso de vitória por parte do grupo xiita perante as ações militares de Israel, uma vez que o Estado israelense falhou em seu objetivo de acabar com o grupo. (EL HUSSEINI, 2010, p.808).

⁷ I say to them [Israel] anew: we will fight the battle of Karbala, as the children of Hussein (YAZBECK, 2017, p.8)

Assim, com o fim do conflito e o senso de vitória que se formou dentro do Hezbollah, não demorou muito para que o grupo xiita adquirisse um prestígio considerável dentro da sociedade e política libanesa, uma vez que o grupo além de poder declarar uma vitória contar o Estado Judeu, também contou com boa parte de suas infraestruturas preservadas no período pós-guerra, fator que permitiu que o grupo xiita providenciasse ajuda social e financeira as camadas civis que foram mais afetadas pela guerra. (HADDAD, 2013, p.19-20) Além disso, logo após o conflito, o partido de Nasrallah logo deixou claro seus objetivos após a guerra, assim o Hezbollah declarou que buscava criar um governo de união nacional envolvendo o partido Amal, o Hezbollah e o partido cristão o Movimento Patriótico Livre (MPL). Esse objetivo veio a ser alcançado uma vez que a união política entre esses três grupos no parlamento libanês foi o suficiente para pressionar o governo do Primeiro Ministro libanês, Fouad Siniora, e impedir que a oposição do Hezbollah, a Coalizão de 14 de março, pudesse passar seus projetos que poderiam enfraquecer os planos do partido xiita. (KARAGIANNIS, 2009, p.368). Tal atuação política também pode ser vista nas eleições parlamentares de 2009, que mesmo após a derrota da Aliança de 8 de março e do Hezbollah em adquirir maioria no parlamento, pode exercer pressão sob o Primeiro Ministro Saad Hariri e seus aliados, fazendo com que eles concordassem com as intenções do grupo xiita de formar um governo de união nacional. (HADDAD, 2013, p 19.20)

Considerações Finais

De tal forma, o artigo pode apresentar uma série de questões que acabam por trazer uma melhor análise sobre a visão ideológica e atuação política do Hezbollah. Ao mesmo tempo, vale pontuar que a pesquisa pode demonstrar os fatores históricos que levaram a formação da guerra civil no Líbano, destacando assim a questão de disparidade demográfica que se formou após a independência do país, e a questão dos refugiados palestinos no Líbano, fator esse que fora exacerbado após o massacre que foi a operação Setembro Negro na Jordânia.

Assim, com o decorrer da guerra civil, fica evidente que fatores como a intervenção israelense e a marginalização dos xiitas na sociedade civil libanesa foram fundamentais para a formação do Hezbollah como uma milícia, e ao mesmo tempo, não se pode negar que desde suas origens o Hezbollah passa a ter um objetivo claro de se opor a ocupação e influência do Estado judeu no Líbano, ao mesmo tempo em que não se opõe necessariamente as ações do Estado sírio no seu país.

Além disso, o artigo demonstra a formação ideológica do Ayatollah Khomeini durante a revolução Iraniana de 1979, e como tal visão ideológica influenciou os princípios políticos do Hezbollah, que além de declarar o apoio ao líder supremo do Irã na sua carta, trouxe para sua vida política a questão do “Paradigma da Resistência”. O Paradigma da Resistência e a visão de Khomeini sobre o chamado Paradigma de Karbala, trazem em si muitas similaridades, no qual o Ayatollah resgata a tragédia e derrota xiita nas mãos do califado de Yazid para demonstrar a comunidade xiita no Irã e afora uma maneira de se inspirar na luta de Hussein e sua morte. Assim os eventos de Karbala se tornaram o ente principal no discurso e ideologia de Khomeini, que muitas vezes acabou se relacionando com a esquerda iraniana e seus ideais, para assim focalizar seus ideais às camadas mais pobres do Irã. Tal visão foi fundamental na formação do discurso do Hezbollah, que durante a após a guerra civil libanesa passou constantemente a indagar nos eventos de Karbala para os xiitas e até mesmos para os cristãos do Líbano, fator que permitiu que o Hezbollah mantivesse uma certa posição de prestígio dentro da vida política do Líbano, uma vez que o Paradigma da Resistência serviu para unir grandes camadas da população do país árabe em nome de uma causa de luta e resistência contra Israel, fator que teve continuidade após a desocupação israelense em 2000 com a entrada da questão das Fazendas Sheeba em seu discurso.

Com isso, conflitos como a guerra de 2006, na qual Israel acabou falhando em seu objetivo de destruir as bases do Hezbollah no Líbano, foram fundamentais para que grupo xiita mantivesse tal discurso, fazendo com que o grupo xiita e seus aliados se tornassem uma entidade política fundamental dentro do Líbano, podendo até mesmo pressionar o parlamento libanês e o Primeiro Ministro do país.

Assim, fica evidente como tal ideal proveniente de Karbala e Khomeini foi fundamental para o Hezbollah e sua ascensão dentro da sociedade e vida política no Líbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAMIAN, Ervand. **Khomeinism: essays on the Islamic Republic**. ED: University of California Press, 1993. 200 f

ADGHIRNI, Samy. **Os Iranianos**. 1 ed. ED: Contexto. São Paulo. 2014. 217 f

AJEMIAN, Pete. Resistance beyond time and space: Hezbollah's media campaigns. **In: Arab Media & Society**. 2008, v.5: p1-17

COOK, David. Messianism in the Shiite Crescent. **In: Current Trends in Islamist Ideology**, 2011, v.11, p.91-103.

EL HUSSEINI, Rola. **Hezbollah and the Axis of Refusal: Hamas, Iran and Syria**. In: Third World Quarterly, 2010, Texas. George HW Bush School of Government and Public Service, p.803-815

ERLICH, Reese. **Inside Syria: The backstory of their civil war and what the world can expect**. Ed Prometheus Books, Amherst, Nova Iorque 2014. 189 p

FADLALLAH, Sheikh Muhammad Hussein. **An Open Letter: The Hizballah Program**. The Jerusalem Quarterly, 1988.

FLANIGAN, Shawn Teresa; ABDEL-SAMAD, Mounah. Hezbollah's Social Jihad: nonprofits as resistance organizations. **In: Middle East Policy**, 2009, v.16, n.2, p.122-137.

GOMES, Eduardo Teixeira. **A revolução iraniana na perspectiva de Khomeini: representações e paradigmas de um governo islâmico xiita (1979-1989)**. 2007. Master's Thesis. Universidade Federal do Espírito Santo. 215 f.

HADDAD, Simon. Explaining Lebanese Shii adherence to Hezbollah: Alienation, religiosity and welfare provision. **In: Defense & Security Analysis**, 2013, v.29, n.1, p.16-29.

KARAGIANNIS, Emmanuel. Hizballah as a social movement organization: a framing approach. **In: Mediterranean Politics**, 2009, v.14, n.3, p.365-383.

KHOMEINI, Imam. **Governance Of The Jurist – Islamic Government**. Ed; The institute for Compilation and Publication of Iman Khomeini's Works, Tehan, Islamic Republic of Iran, 2004, 94 f.

KHOMEINI, Imam. **Islam and Revolution: Writings and Declarations of Imam Khomeini (1941-1980)**. ED: Mizan Press, Berkeley, 2015. 457f.

MEIHY, Murilo. **Os Libaneses**. In: Coleção Povos & Civilizações, Ed Editora Cotexto, São Paulo, 208 p

NASR. Vali. **The Shia Revival – How Conflicts within Islam Will Shape the Future**. Ed W. W. Norton & Company, New York, 2006, 131 p

NORTON, Augustus Richard. **Hezbollah: A short history**. ED: Princeton University Press, 2014. 187 f.

NORTON, Augustus Richard. **The role of Hezbollah in Lebanese domestic politics**. In *The International Spectator*, v.42, n.4, 2007, p.475-491.

PINTO. Paulo Gabriel Hilu Da Rocha. **Islã: Religião e Civilização – Uma Abordagem Antropológica**. Aparecida. São Paulo.Ed:Santuário. 2010. 231 f.

PIPES. Daniel. **Greater Syria: The History of an Ambition**.Ed Oxford University Press. Nova Iorque, 1992, 256 p

SAAD-GHORAYEB, Amal. **Hizbu'llah: politics and religion**. ED: Pluto Press, London, 2002. 254f

SALEM, Paul. **The future of Lebanon**. In :Foreign Affairs, v.85, n.6, 2006, p.13-22.

SCALLERCIO, Marcio.**Oriente Médio: Uma Análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver**. Ed Campos Ltda, Rio de Janeiro, 2003, 301 p.

SOFFER, Arnon. Lebanon—where demography is the core of politics and life.**In: Middle Eastern Studies**, 1986, v.22, n.2, p.197-205.

TRAUMANN. Andrew Patrick. **Todo dia é Ashura, Toda Terra é Karbala: as Origens do Xiismo no Irã**. In: Revista Litteris. n. 9 - março 2012. p 24-38

VAN ENGELAND, Anisseh; RUDOLPH, Rachael M. **From terrorism to politics**. Ed: Routledge, 2008. 230 f.

VISENTINI, Paulo Fagundes; ROBERTO, Willian Moraes. As consequências da crise na Síria para o Irã: impactos para sua estratégia regional e no Eixo de Resistência.**In: Brazilian Journal of International Relations**, 2015, 4: 72-91.

YAZBECK, Natacha. The Karbalization of Lebanon: Karbala as lieu de mémoire in Hezbollah's Ashura narrative. **In: Memory Studies**, 2017. 14 f.